

Pretinha, Eu?

Mudança no fazer pedagógico: valorização da cultura afro-brasileira através da leitura

Sandra Martins

A falta de interesse dos alunos pela leitura devido ao grande abismo entre a realidade e a funcionalidade do ato de ler é uma das razões para a elevação dos índices de evasão escolar, em especial nos cursos supletivos. Para tentar driblar esta dura realidade, a professora Ana Regina de Carvalho de Almeida criou o projeto *Escola que se faz pela leitura: conhecer, respeitar e valorizar a história e a cultura afro-brasileira*, desenvolvido na turma 401 do 4º ano do primeiro segmento do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Supletivo Floriano Peixoto, no bairro de São Cristóvão, no município do Rio de Janeiro.

A ideia central da proposta é minimizar esse desinteresse e incentivar ao conhecimento da sua própria língua. Assim, busca-se recuperar nos alunos jovens e adultos o impulso de usar o direito à leitura e à cultura que eles possuem, transformando-se em falantes competentes, tanto na forma escrita como na forma oral. Para isso, o educador oferece textos diversificados e adequados às faixas etárias, que permitem a ampliação da capacidade reflexiva sobre a realidade, possibilitando a percepção das desigualdades sociais existentes.

O planejamento do projeto envolveu várias etapas: conversa inicial de indução ao tema; leitura do livro e interpretação com exposição

escrita e oral para a turma; trabalho do conteúdo programático a partir de trechos de livros; estímulo à pesquisa individual e em grupo; exibição de documentários; passeio pedagógico; planejamento da culminância do projeto; exposição da produção textual, iconográfica e oral de pesquisas sobre questões raciais dos alunos, além de degustação de pratos da culinária africana.

Para a definição dos textos, a coordenadora do projeto se baseou na Lei 10.639/2003 – que torna obrigatório o ensino da história e da cultura da África e dos afro-brasileiros nos ensinos Fundamental e Médio – e no perfil dos alunos, que os remete à condição de vítimas de desigualdades sociais no seu cotidiano: em sua maioria trata-se de jovens e adultos oriundos de comunidades de baixa renda próximas à escola, com condições socioeconômicas precárias, com pouca ou nenhuma vida cultural, sendo noventa por cento de alunos negros e pardos (conforme classificação étnico-racial do IBGE), apresentando baixa autoestima em relação à desigualdade social existente, mas com expectativas de superação dos obstáculos através da educação. Nesse sentido, a opção foi trabalhar com o livro *“Pretinha, Eu?”*, de Júlio Emilio Braz, cuja narrativa contempla tais situações e sentimentos.

Entretanto, Ana Regina, antes de apresentar o livro, incitou os



Não basta ler o que dizem os jornais, é necessário discutir as entrelinhas



Cartões-temáticos sorteados entre os grupos para pesquisa e apresentação oral

alunos, através de um bate-papo, a falar sobre se já haviam sido discriminados. A provocação foi aceita de pronto, com várias discussões envolvendo toda a turma. Essa reação mostrou à professora que eles se sentiam magoados com aquela situação de desigualdade social. Por morarem em comunidades carentes, são muito discriminados: na procura de um emprego, as portas se fecham devido ao lugar em que residem; pelo motorista de táxi ou pelo fornecedor de bens de consumo, que têm medo de assaltos e tiroteios. “E ainda são tratados como marginais, ociosos e inferiores”, relatou a professora.

Com a criação de um espaço em que pudessem falar sobre a sua vivência, mesmo os mais tímidos expunham suas ideias e opiniões diante da turma. Questionados sobre o que era preconceito e se eram preconceituosos, os alunos diziam que não, e que eram, sim, vítimas de discriminação. Entretanto, à medida que Ana Regina abordava determinados assuntos, percebia que “eles não se davam conta do preconceito que tinham”.

O próximo passo era trabalhar a leitura do livro “Pretinha, Eu?”. Mas como fazê-lo se a escola só possuía um exemplar para os 45 alunos? Fazer resumo para distribuição os impossibilitaria de conhecer parte significativa da história. Pedir para comprarem

a publicação seria inviável, devido ao custo. Então, Ana Regina resolveu contar a história por capítulos: um por dia, seguido de comentários a respeito dos personagens, dos seus comportamentos, sempre comparando com a atual realidade.

Os ganhos alcançados por meio das dinâmicas, que envolviam atividades relacionadas à escrita, foram bastante expressivos: crescimento da autonomia e organização de pensamento adquiridos com a vivência e a experiência de cada um, melhora na assiduidade, participação, interesse e desejo em aprender mais. “Eles passaram a se mostrar mais receptivos para a escrita porque os temas lhes eram interessantes. Não escreviam apenas para responder sobre um tema no qual não tinham interesse”. Entre os temas estavam – devidamente municiados

por reportagens que alimentaram debates elucidativos – a intolerância às religiões de matriz africana e o possível término das cotas nas universidades públicas para os afrodescendentes.

Além disso, segundo a coordenadora do projeto *Escola que se faz pela*



Trabalhar em grupo: construção de novos hábitos, novas condutas

leitura: conhecer, respeitar e valorizar a história e a cultura afro-brasileira, os alunos ficaram mais críticos e questionadores. Não aceitavam mais o que liam e escutavam. “Eu vibrava o tempo todo, pois estava conseguindo fazer com que se sentissem capazes de sair da condição de passivos e se tornassem participativos e atuantes na nossa sociedade. E tudo isso através dos conhecimentos e das informações passadas pela leitura, com textos diversos que vieram integrar o cotidiano da turma”.

Se com os alunos o trabalho fluía com muita parceria, o mesmo não ocorreu com parte da comunidade escolar. De acordo com Ana Regina, as mudanças no cotidiano das atividades pedagógicas são fundamentais para a promoção do interesse pelo espaço escolar. Assim, evita-se a evasão, preocupação primordial do projeto. “Alguns deduziam que a turma não estava tendo aula”, ora por conta das “discussões calorosas”, ora pela arrumação da sala para os trabalhos em grupos, ora pelas muitas conversas da professora com os alunos. Havia os que diziam que não valia a pena todo aquele trabalho, pois os estudantes não estavam acostumados e não iriam aprender.

De fato, a falta de costume na elaboração de atividades em grupo, pesquisas, confecção de cartazes, contribuiu para que a realização do trabalho não fosse tarefa fácil. “Tudo era novidade para eles. Mas estavam tão envolvidos que conseguiram superar os problemas”.

O conteúdo programático foi amplamente abordado com a utilização de trechos do livro, como os exercícios gramaticais, a ortografia, a leitura oral, a formação do povo brasileiro, a escravidão, a contribuição da influência dos negros e um pouco da história da África.

A iconografia foi um dos recursos utilizados por Ana Regina para trabalhar o conteúdo programático e abordar as desigualdades étnico-sociais



“Com os ingredientes da feijoada, servida no dia da culminância, explorei a escrita e a leitura das quantias e cálculos envolvendo as quatro operações. Com o auxílio de mapas a turma pôde conhecer um pouco sobre o continente africano, já que abordamos curiosidades a respeito da África e fizemos paralelos com o Brasil.

Com a exibição do DVD “Heróis de todo o mundo” – que integra a coleção do projeto educativo de valorização da cultura afro-brasileira “A Cor da Cultura”, do MEC –, os alunos tomaram conhecimento da importância e da atuação de negros que no passado se destacaram nas diversas áreas como literatura, engenharia, medicina, política, educação etc. Outro recurso utilizado foi o CD-ROM “Da África para o Brasil” – anexo do Livro Projeto Pitangüá História, 3ª série, Unidade 3 –, que sintetiza toda a discussão até então desenvolvida, com análises sobre a história e a cultura afro-brasileira. Um passeio pedagógico ao Centro de Tradições Nordestinas propiciou o contato com a riqueza, beleza e coloridos do folclore do Nordeste do Brasil. “Alguns de nossos alunos são oriundos dessa região, o que lhes possibilitava explicar de maneira precisa sobre determinados costumes, objetos

Exposições orais deixam de ser um tormento quando há fundamentação teórica e muito debate



Outro destaque, já mencionado no início desta matéria, refere-se à evasão escolar. Ao iniciar o ano letivo, a turma 401 era composta de 45 alunos; no final do período, o quantitativo era de 42 estudantes “assíduos e participativos, que interagiram com as propostas do projeto do início ao fim. Para isso, a professora se utilizou de alguns verbos fundamentais: encorajar, desafiar, incentivar, valorizar. Dessa forma ela os fez compreender “que fazem parte dessa sociedade e que precisam lutar pelos seus direitos, pois, independentemente da sua formação, eles têm capacidade para discutir e opinar sobre os seus pontos de vista”, concluiu a educadora.

Escola Estadual de Ensino Supletivo Floriano Peixoto

Praça Argentina, 20 – São Cristóvão – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 20920-050

Tel.: (21) 3890-1240

Idealizadora do projeto: Ana Regina de Carvalho de Almeida

Fotos cedidas pela escola

e o modo de preparo de alguns pratos típicos. Orgulhosos e felizes por se sentirem valorizados ao falarem de suas tradições, os alunos se “acabaram no forró e tiraram muitas fotos”.

Para premiar o empenho da turma, a professora homenageou os estudantes incluindo seus nomes no fôlder promocional do projeto. “Eles participaram da montagem, mas não sabiam dessa grande homenagem. Eles se reuniram em outra sala para terminar de confeccionar os cartazes para a exposição”. A culminância do projeto foi marcante, não só pela qualidade das apresentações, mas pela transformação operada em cada um dos alunos, mostrando o “quanto foi satisfatório, interessante, enriquecedor, significativo aprender sobre a história e a cultura afro-brasileira”.

Bastante animada com os resultados alcançados, Ana Regina destaca as mudanças significativas no comportamento de seus alunos, na maneira de refletir, nos seus questionamentos, na participação e no interesse de cada um e com relação ao próprio quadro de desigualdade social e à necessidade de se combater o preconceito racial. “Os alunos afrodescendentes foram motivados a conhecer e a valorizar a história e a cultura afro-brasileira, elevando, dessa forma, sua autoestima.

Boas lembranças do passeio pedagógico no Centro de Tradições Nordestinas: alunos se transformaram em professores

